

FITRef – Faculdade Internacional de Teologia Reformada  
Módulo: 3/2017  
Disciplina: TS 702 Símbolos de Westminster  
Professor: Dr. Leandro Antonio de Lima  
Aluno: Marco Antonio Storti do Nascimento

### AULA 30 - TAREFA

Prezado Prof. Leandro, boa noite.

Respondendo as questões da Aula 30.

Faça uma análise geral da CFW e dê sua opinião pessoal sobre a mesma.  
Escreva um texto com no máximo cinco páginas fundamentando os aspectos exigidos.

Devemos sempre enfatizar, que Cristo é o fundamento da igreja cristã e que as Escrituras são nossa regra de fé e prática. E, as Confissões de Fé surgem como instrumento de grande valia, pois, esclarecem detalhes não percebidos ou as vezes difíceis de se entender nas Escrituras.

No transcorrer da história da igreja, várias confissões de fé são escritas, mas, nenhuma de tanta relevância, importância e peso como a Confissão de Westminster. Isto porque, não surgiu de uma idéia pessoal ou de uma reunião de meia dúzia de homens reunindo suas interpretações das Escrituras e gerando exposições em 30 dias. Foi convocada uma assembléia, e convidados a participar 121 teólogos, 10 parlamentares da Câmara dos Lordes, 20 da Câmara dos Comuns, 4 pastores e 2 presbíteros da igreja escocesa. Com frequência média de 60 a 80 membros, a Assembléia de Westminster durou de 1643 a 1649. E gerou documentos que são utilizados em sua totalidade, ou com alguns poucos ajustes, em igrejas nos nossos dias em pleno século XXI.

Interessante, é que a linha histórica de acontecimentos que culminam na convocação desta importante Assembléia não é puramente espiritual ou religioso. Mas, tem seu início em interesses espúrios. A Assembléia de Westminster é convocada depois de um turbilhão de acontecimentos. Começando com o Rei Henrique VIII, católico, em sua obstinação em ter um herdeiro menino, deseja divorciar-se de sua esposa a Rainha Catarina Aragão (1534). Por não ter o aval da Igreja Católica Romana, decide, então, romper com a mesma. Apesar da Inglaterra, ter sido oficialmente católica e fiel ao Papa por séculos.

Com a aprovação do Ato de Supremacia, o Rei Henrique VIII, torna-se chefe supremo da Igreja da Inglaterra, que passou a se chamar Igreja Anglicana.

Após a morte do Rei Henrique VIII, seu filho Eduardo VI assume o trono, e, sob a tutela do arcebispo de Cantuária Thomas Cranmer, são elaborados os 39 Artigos e o Livro de Oração Comum. Sua morte prematura faz subir ao trono Maria Tudor, "a sanguinária" filha de Catarina de Aragão, que faz a Inglaterra voltar a cobertura do Papa e da Igreja Católica Romana, anulando os feitos de seu pai, de seu irmão e começando uma verdadeira perseguição. Muitos líderes da reforma são queimados na fogueira e outros fogem. Alguns vão se refugiar em Genebra, onde Calvino está no auge de sua influência. Em Genebra, é organizada a Igreja Presbiteriana, e é feita a tradução das Escrituras que ficou conhecida como Bíblia de Genebra. Primeira Bíblia em inglês com livros divididos em capítulos e versículos.

Com a morte de Maria Tudor, assume o trono sua irmã Elizabeth I, que restabelece o Ato de Supremacia e os protestantes exilados retornam para Inglaterra e Escócia.

Se fortalece neste período, um grupo de irmãos piedosos, decididos por uma reforma completa na Igreja da Inglaterra, que ainda tinha muito do catolicismo romano, e não concordavam com a chefia suprema do Rei sobre a Igreja. Desejavam uma igreja mais pura, em sua vida e doutrina, e por isso serão chamados de "Puritanos". A Inglaterra se torna o povo de um livro, a Bíblia, que é lida nas igrejas e nos lares.

A Rainha Elisabeth não se casou e não teve filhos, com sua morte assume o trono Tiago I, filho de Maria Tudor. Criado por presbiterianos escoceses, acreditava-se que seria um tempo bom para os protestantes reformados. Mas, sendo ele Rei da Inglaterra e Escócia e Chefe da Igreja, decidiu exigir submissão total. Disse ele: "Vou fazer com que se submetam ou os expulsarei do país, ou coisa pior". É, em seu reinado que muitos puritanos fogem para o

Novo Mundo, chegam a Nova Inglaterra e ajudam na colonização da América do Norte. Há de se destacar um feito nobre do Rei Tiago I, a aprovação da tradução e publicação de uma nova versão inglesa das Escrituras (King James Version, 1611).

Com a morte do Rei Tiago I, assume o trono Carlos I, que, tendo como conselheiro o arcebispo de Cantuária William Laud (adepto a teologia armeniana), tenta impor o sistema episcopal aos presbiterianos escoceses, que resistem e entram em guerra contra o rei. Com isso o rei, na busca de recursos, convoca eleição do Parlamento. Que para surpresa sua elege em sua maioria puritanos. O rei dissolve o parlamento e convoca novas eleições. Novamente, é eleito com uma maioria de puritanos. O rei tenta dissolver o parlamento mais uma vez, e começa, então, a guerra civil inglesa.

Esse parlamento puritano, é quem convoca a Assembléia de Teólogos de Westminster. Que inicia seus trabalhos no dia 1º de julho de 1643, na Abadia de Westminster, Londres. Foram 1163 plenárias, centenas de reuniões de comissões e subcomissões. Seus participantes, não eram apenas grandes teólogos e intelectuais, mas, homens piedosos, de profundo temor a Deus e a sua Palavra. Muito tempo se gastou em oração, jejum, estudos e debates até o seu encerramento em 1649.

Destaca-se o fato de que a Assembléia foi convocada pelo Parlamento Inglês, com vistas a estabelecer o Governo e Liturgia da Igreja da Inglaterra e a purificação das falsas aspersões e interpretações na Igreja. Cada documento gerado, era largamente estudado e discutido com profundidade seus pontos de relevância, e então, apresentado ao Parlamento.

Me chama atenção o título do documento quando apresentado ao Parlamento: "O Humilde Conselho da Assembléia de Teólogos que por autoridade do Parlamento ora está reunida em Westminster..." demonstrando respeito e consideração.

Muitos conflitos, ainda, impuseram problemas a estruturação da igreja na Inglaterra, que, somente, em 1876 pode organizar a Igreja Presbiteriana da Inglaterra. Embora, os participantes da Assembléia fossem em sua grande maioria ministros ingleses (121).

A Confissão de Fé é uma expressão da teologia agostiniana e calvinista que já influenciava os teólogos ingleses. Suas principais doutrinas, agrupadas, formam o sistema conhecido como Teologia Federal ou Teologia do Pacto. E, embora, seja um documento do século 17, hoje, no século 21, ainda possui extrema importância. Suas formulações continuam válidas para os nossos dias. É realmente "um pequeno manual de Teologia Bíblica" como o diz o Prof Alderi, em um de seus artigos.

A CFW aborda temas de extrema relevância, cito alguns a seguir:

- Na seção IX, do capítulo I, nos dá a regra para interpretação das Escrituras: "A regra infalível de interpretação das Escrituras é as próprias Escrituras; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto das Escrituras (sentido que não é múltiplo, mas, único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente."

- No seu Capítulo II, nos ensina respeito a Trindade Santa; sendo que, na seção I, afirma que "há um só Deus vivo e verdadeiro"; na seção II, que este "Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança". E ainda, na seção III, afirma, que neste Deus único e verdadeiro, "há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade - Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo". Estas três pessoas formam a unidade da Divindade, onde, o Pai não é de ninguém, o Filho é eternamente gerado do Pai e o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho. Sendo assim, é um único Deus, em três pessoas distintas e que possuem os mesmos atributos eternos.

- A seção VIII, do capítulo III, nos mostra o quanto cuidadosos devemos ser, com respeito a doutrina da predestinação. A escolha, parte de Deus, nós não a merecemos, não há em nós mérito algum. Foi por sua graça, e diante disso devemos com humildade e fidelidade nos prostrar e louvar a esse Deus, pelo seu grande amor e misericórdia para conosco. E fica entendido: que Deus predestinou homens e mulheres para a vida eterna; que são os eleitos, em Cristo, antes da fundação do mundo, predestinados para serem filhos, a imagem de Jesus; e estes predestinados, serão chamados, eficazmente, para salvação, e que serão justificados pela fé em Cristo, e por fim glorificados.

- Evidencia no capítulo IV, a imagem de Deus no homem pela declaração de que o homem foi criado com inteligência, retidão e perfeita santidade. Atributos, estes, inerentes somente a Deus.

- Na seção I, do capítulo V, garante que nenhuma atitude humana se sobrepõe as ações de Deus. E que Deus não somente criou todas as coisas, mas, também sustenta, dirige e controla todas elas. Tudo foi criado para sua glória, e ele conduz os acontecimentos e ações dos homens para que também sejam para sua glória. Ele governa sobre tudo e sobre todos.

- A CFW é muito clara em sua seção II, do capítulo VIII, quanto a natureza de Cristo. Jesus, na plenitude do tempo, no tempo exato, no tempo certo, nem antes, nem depois, tomou para si natureza humana. Sendo ele Deus, perfeito, verdadeiro e eterno passou a ter todas as propriedades essenciais e comuns de todos os seres humanos, a exceção do pecado. Foi concebido, pelo poder do Espírito Santo, no ventre da virgem Maria e da substância dela. Jesus era verdadeiro Deus e verdadeiro homem, duas naturezas distintas, perfeitas e completas em uma só pessoa. Sendo, um único Cristo e o único Mediador entre Deus e o homem.

- Na seção II, do capítulo IX, declara que o homem, antes da queda, em seu estado de inocência tinha a liberdade e a capacidade de fazer o bem e agradar a Deus. Na seção III, afirma que após a queda, o homem se torna escravo do pecado, e perde a liberdade e a capacidade de fazer o bem. Na seção IV, após, a conversão, ele volta a ter a liberdade e a capacidade de fazer o bem que agrada a Deus, mas, de forma imperfeita devida a corrupção ainda existente em seu ser.

Nossa liberdade só se tornará perfeita para o bem, em nosso estado de glória, onde a vontade se tornará imutavelmente livre para o bem, somente.

- No capítulo XVI, aprendemos que as boas obras, são aquelas que foram ordenadas por Deus em sua palavra. Obras que só podem ser produzidas na vida dos eleitos, e ainda assim, produzidas somente pela ação do Espírito Santo. As boas obras, são aquelas que evidenciam uma vida de fé verdadeira e de obediência aos mandamentos de Deus. São fruto de uma vida regenerada, que demonstra confiança na obra redentora de Cristo de Jesus e que confessa o seu nome. Por elas os crentes glorificam a Deus, demonstram a ele sua gratidão, edificam os irmãos e são fortalecidos na fé. Boas obras são o modo viver natural do cristão genuíno.

- Abordagem sobre o casamento, do capítulo XXIV, de extrema importância para os dias atuais. Declarando que o casamento é uma instituição divina, onde um homem se uni a uma mulher, para procriação e para impedir a impureza, e para juntos se ajudarem mutuamente no cumprimento do propósito de Deus. É através do casamento que há a expansão da raça da humana e da igreja, de forma legítima e santa. Declarando, ainda, que ao homem só é permitido ter uma mulher e a mulher apenas um marido. E que devem se casar no Senhor, com aqueles que professam a mesma fé. E que não devem se unir a infiéis, papistas, nem idolatras. Não devem prender-se a julgo desigual com aqueles que são notoriamente ímpios em suas vidas ou que vivem em heresias perniciosas. Mas, enfoca ainda, que a dissolução do casamento através do divórcio, só poderá ocorrer em caso de adultério ou de impiedade e deserção obstinada de um dos cônjuges de forma irremediável. Ainda, que a dureza e a impureza do coração dos homens, em nossos dias, busquem inúmeros motivos para separarem e dissolverem seus casamentos, nenhum, além dos citados, será aceitável diante de Deus.

- Os capítulos XXVII, XXVIII e XXIX, abordam a importância dos sacramentos ordenados por Cristo, batismo e ceia, declarando que são "santos sinais e selos do pacto da graça, que foram instituídos por Deus para representar Cristo e seus benefícios".

Embora, a Confissão de Fé de Westminster seja considerada uma das mais relevantes e equilibradas exposições da fé reformada já escritas. Não podemos, nunca, deixar de lado as Escrituras. Pois, esta é de valor inestimável. A Confissão nos auxilia muito, pois, é exposta didaticamente, facilita o entendimento, expõe assuntos extremamente importantes, mas, tem o seu fundamento nas Escrituras e é nesta que fundamentamos a nossa fé.

O estudo da Confissão de Fé de Westminster foi, e continuará sendo, sem sombra de dúvidas, extremamente importante para todos nós.

Deus abençoe a todos.

Marco Storti.